

A BENÇÃO DA LOCOMOTIVA

A obra está completa. A machina flameja,
Desenrolando o fumo em ondas pelo ar.
Mas antes de partir mandem chamar a Igreja
Que é preciso que um bispo a venha baptisar.

Como ella é com certeza o fructo de Cain,
A filha da razão, da independencia humana,
Botem-lhe na fornalha uns trechos em latim,
E convertam-na á fé Catholica Romana.

Devem n'ella existir diabolicos peccados,
Porque é feita de cobre e ferro; e estes metaes
Sahem da natureza, impios, excommungados,
Como sahimos nós dos ventres maternas!

Vamos, esconjurai-lhe o demo que ella encerra,
Extrahi a heresia ao aço lampejante!
Ella acaba de vir das forjas d'Inglaterra,
E hade ser com certeza um pouco protestante.

Para que o monstro corra em fervido galope,
Como um sonho febril, n'um doido turbilhão,
Além do machinista é necessario o hyssope,
E muita theologia... além d'algun carvão.

Atirem-lhe uma hostia á boca famulenta,
Preguem-lhe alguns sermões, ensinem-na a resar,
E lancem na caldeira um jorro d'agua benta,
Que com agua do céu talvez não possa andar.

GUERRA JUNQUEIRO.

*O' jesuitas; vós sois dum faro tão astuto,
Tendes tal corrupção e tal velhacaria,
Que é incrível até que o filho de Maria
Não seja inda velhaco e não seja corrupto
Andando ha tanto tempo em tão má companhia.*

GUERRA JUNQUEIRO

2

1



No Chiado

O' lama do Chiado, ó lama do bom tom,
Eu quizera fazer-te um bello poema com
A verve de Musset e o rir de Gavarni;
Mas não merece a pena estar a gente aqui
A descobrir, a achar as rimas mais preciosas,
A torcer uma estrophe em espiraes nervosas,
A pôr na reticencia a indiscripção d'um pagem,
A florir n'um bom verso uma brilhante imagem,
E a enroscar n'uma idéa um dito puro e fino
Como os ricos florões d'um portal manuelino,
Para no fim de tudo encher uma columna
D'um jornal de dez réis levado da fortuna,
Que amanhã dormirá n'uma tenda boçal
Entre um queijo flamengo e uma ode immortal.

Eu sentia-me até bastante resolvido
A cantar n'este instante algum vergel florido,
Uma bocca escarlata, honesta e virginal,
Uma trança d'aurora, um riso de crystal,
Tudo o que ha de gentil, de luminoso e puro
— Uma cabeça loira ou um trigal maduro,
E Julieta e Romeu na scena da varanda,
Mas precisava ter um bom papel de Hollanda,

Um typo de Elzevir, um optimo editor,
E sobretudo em vez dos olhos teus, leitor,
O fresco olhar azul d'uma pessoa amada,
Que cobrisse da gloria ingenua da alvorada
Os meus versos pagãos cheios de seiva e flores,
E ao toque do clarim e ao rufo dos tambores,
Fazendo telintar as lanças e as esporas,
Eu mandaria então em legiões sonoras
Um exercito ideal de estrophes coruscantes,
Que iriam desfilar esplendidas, radiantes,
Debaixo do balcão d'essa creança...

Em summa
Tenho estado a soprar n'uma bola de espuma,
Que rebentou. Nem sei a transição que fiz
Da lama do Chiado aos sonhos juvenis,
Da phrase de Cambronne ao azul da utopia.

Voltemos ao Chiado. E' já quasi meio dia;
Vamo-nos encostar á porta da Havaneza,
E veja-se passar Lisboa, essa burgueza
Que vae de risca ao meio e vae de fato preto
Ao sport da uma hora — á igreja do Loreto.

Alguns velhos leões de nobre gaforina
Onde falta o cabelo e sobra a bandolina,
Discutem entre si com toda a auctoridade
Petiscos do Baldanza e córos da Trindade,
Janotas de balcão, Neros hebdomadarios,
Que exercem a virtude em dias ordinarios,
Correndo no domingo ao vicio, aos sorvedoiros,
Lançando-se ás paixões como S. Thiago aos moiros,
Vão meditando já na bachanal tremenda
Aonde á meia noite o dedo da legenda
Escreverá talvez sobre a muralha espessa
Esta negra inscripção: *Dois pintos por cabeça.*

Brunidos de entusiasmo, esplendidos, jocundos,
Provincianos joviaes da Beira Baixa oriundos,
Observam com prazer e muita admiração
Os progressos que faz a civilisação
Na capital do reino.

Exhibem-se os alferes,
O encanto do inimigo e o terror das mulheres...

Nos grupos do Prazer, do Chic, da Finança
Admira-se um cavallo, uma girafa mansa
Que vae trotando.

A missa está quasi a acabar.
A igreja do Loreto é o piedoso *boudoir*
Onde Christo recebe as preces perfumadas
Das almas do bom tom.

Recruzam-se, damnadas,
No insano frenesim da rubra extravagancia,
Perversas multidões puxadas á substancia,
Calcando dignamente as lamas venenosas,
A lama onde os corceis das raças milagrosas
Mais gostam de imprimir a marca das suas patas,
E onde ás cinco da tarde illustres burocratas
Poisam a nobre planta ornada de galocha.

Sinto-me triste. A aurora ingenua desabrocha
Na candura do azul, como uma rosa enorme.
E, enquanto o meu visinho (um brasileiro) dorme
Fazendo variações de cornetim nasal,
Eu, filho da Utopia e primo do Ideal,
Tenho estado rimando esta canção florida,
Que seria melhor, não sendo tão comprida.

Guerra Junqueiro.

3

1."Benção da Locomotiva"
A Lanterna Mágica
N.º 2, 22 Mai. 1875, p. 10

2. [Ó jesuitas...]
A Luz
20 Jul. 1920, p. 2

3."No Chiado"
Brasil-Portugal
N.º 290, 16 Fev. 1911, p. 31-32